

# Corrente de Ferro

CASSANDRA CLARE

AS ÚLTIMAS HORAS LIVRO 2

Tradução  
Inês Castro

 Planeta

Para Rick Riordan. Obrigada por me deixares usar o nome nobre di Angelo.



# PRIMEIRA PARTE



## PEQUENOS JOGOS

*Em breve ouvirão falar de mim com os meus pequenos jogos divertidos. Guardei um pouco da própria substância vermelha numa garrafa de cerveja de gengibre durante o último trabalho para escrever com ela, mas ficou grossa como cola e não a posso usar. Tinta vermelha deve servir, espero.*

*Jack, o Estripador*



## LONDRES: EAST END

***Era estranho e curioso ter outra vez um corpo humano. Sentir o vento revoltear-lhe o cabelo, e as partículas frias de neve inflamar-lhe o rosto enquanto avançava pelas pedras da calçada. Balançar os braços e medir o novo comprimento dos seus passos.***

*Pouco passava do amanhecer e as ruas estavam quase desertas. De vez em quando, avistava um vendedor ambulante de legumes e frutas a empurrar o seu carrinho pela rua coberta de neve ou uma mulher a dias de avental e xaile a correr para o seu trabalho penoso.*

*Ao desviar-se de um monte de neve, tropeçou e franziu a testa. O seu corpo era tão fraco. Precisava desesperadamente de força. Não podia continuar sem ela.*

*Uma sombra escura atravessou-se à sua frente. Um velho com um macacão de trabalho, o boné puxado para baixo na cabeça, a esgueirar-se para um beco, saindo da via principal. Viu o homem instalar-se num engradado de madeira, encostando-se à parede de tijolo. Enfiou a mão no casaco puído, puxou de uma garrafa de gin e desarrolhou-a.*

*Entrou no beco sem fazer barulho. As paredes erguiam-se de ambos os lados, suprimindo a luz fraca do Sol. O homem ergueu a cabeça com olhos congestionados.*

*– O que queres?*

*A faca de adamas cintilou na penumbra. Mergulhou-a no peito do homem, repetidas vezes. O sangue espirrou, um fino borrifo de partículas vermelhas a tingir de escarlate a neve encardida.*

*O assassino sentou-se sobre os calcanhares, a inspirar. A energia da morte do homem, a única coisa útil que a criatura mortal tinha para oferecer, fluiu para dentro de si através da lâmina. Levantou-se e sorriu para o céu branco leitoso. Já se sentia melhor. Mais forte.*

*Logo teria força suficiente para enfrentar os seus verdadeiros inimigos. Quando se virou para sair do beco, sussurrou os seus nomes.*

*James Herondale.*

*Cordelia Carstairs.*



## A TEIA BRILHANTE

*E imóvel permanece, jovem enquanto a terra é velha,  
E, subtilmente contemplativa de si mesma,  
Atrai homens para a teia brilhante que tece,  
Até que coração, corpo e vida fiquem nela presos.  
A rosa e a papoila são as suas flores; pois onde  
Encontraremos, ó Lilith, aquele a quem fragrância,  
Beijos ternos e sono doce não enrede?*

DANTE GABRIEL ROSSETTI, «Beleza do Corpo»

**Um fumarento nevoeiro invernal tinha assentado sobre a cidade de** Londres, estendendo os seus pálidos tentáculos pelas ruas, envolvendo os edifícios em fitas foscas. Lançava uma palidez cinzenta sobre as árvores devastadas, enquanto Lucie Herondale conduzia a sua carruagem pela comprida alameda descurada em direção a Chiswick House, cujo telhado se erguia da neblina como o topo de um pico dos Himalaias acima das nuvens.

Com um beijo no nariz e um cobertor sobre a cernelha, deixou o seu cavalo, *Balios*, ao fundo dos degraus da frente e avançou pelo que restava do jardim em socalcos. Passou pelas estátuas rachadas e estragadas de Virgílio e Sófocles, agora cobertas por compridas gavinhas de trepadeiras, os membros partidos e caídos entre as ervas daninhas. Outras estátuas encontravam-se parcialmente escondidas por árvores pendentes e sebes não aparadas, como se estivessem a ser devoradas pela folhagem densa.



Abrindo caminho por um caramanchão de rosas tombado, Lucie chegou por fim ao velho abrigo de tijolos no jardim. O telhado há muito que desaparecera; era de certo modo como se tivesse deparado com uma cabana de pastor abandonada na charneca. Uma espiral fina de fumo cinzento erguia-se lá de dentro. Se isto fosse *A Bela Cordelia*, um duque louco mas formoso apareceria a cambalear pelo matagal, mas nunca nada acontecia como nos livros.

Em volta do barracão, viu os pequenos montes de terra onde, nos últimos quatro meses, ela e Grace tinham enterrado os resultados malsucedidos das suas experiências: os corpos infelizes de pássaros caídos ou ratos e ratazanas mortos por gatos, que tinham tentado, repetidas vezes, trazer de volta à vida.

Nada ainda funcionara. E Grace nem sequer sabia de tudo. Continuava sem saber que Lucie tinha o poder de comandar os mortos. Não sabia que Lucie tinha tentado *ordenar* aos pequenos corpos que voltassem à vida, tinha tentado *alcançar* dentro deles alguma coisa que pudesse puxar para o mundo dos vivos. Mas nunca tinha funcionado. Qualquer parte desses animais que Lucie poderia ter comandado tinha desaparecido com as suas mortes.

Não mencionara nada disto a Grace.

Lucie encolheu os ombros, filosoficamente, e dirigiu-se para a enorme placa de madeira da porta (às vezes questionava a utilidade de ter uma porta num edifício que não tinha telhado) e bateu num toque codificado: um dois, um dois.

Ouviu logo alguém atravessar a sala, girar o ferrolho e a porta abriu-se. Grace Blackthorn encontrava-se na soleira, o rosto fechado e sério. Mesmo com o tempo nublado, o seu cabelo, solto em volta dos ombros, cintilava de um prateado brilhante.

– Vieste! – exclamou, parecendo mais surpreendida do que satisfeita.

– Disse que vinha. – Lucie passou por Grace. O barracão tinha uma única sala com chão de terra batida, agora em parte congelado.

Tinham empurrado uma mesa contra a parede, sob a espada da família Blackthorn, pendurada em ganchos de ferro forjados de forma grosseira. Em cima da mesa, tinham construído um laboratório improvisado: fileiras de alambiques e frasquinhos de vidro, um almofariz e pilão e dezenas de tubos de ensaio. Uma variedade de pacotes e latas ocupava o resto da mesa, alguns abertos, outros esvaziados e agrupados numa pilha.

Ao lado da mesa, havia uma fogueira, diretamente no chão, fonte do fumo que se escapava do telhado em falta. O fogo era estranhamente silencioso, emanando não de troncos de madeira, mas de um monte de pedras, as suas chamas esverdeadas a lamber com voracidade como se procurassem consumir o caldeirão de ferro suspenso de um gancho por cima. O caldeirão continha uma mistura preta a fervilhar que cheirava ao mesmo tempo a terra e a químicos.

Lucie aproximou-se devagar de uma segunda mesa maior. Nela repousava um caixão. Através da tampa de vidro, viu Jesse, tal e qual como era quando tinham estado juntos pela última vez: camisa branca, cabelo preto derramando-se, macio, na nuca. As suas pálpebras eram meias-luas pálidas.

Não se tinha limitado a pássaros, morcegos e ratinhos. Tinha tentado também ordenar a Jesse que voltasse à vida, embora apenas o tivesse conseguido fazer nos curtos períodos em que Grace ia buscar alguma coisa e a deixava sozinha com o corpo de Jesse. Correria ainda pior do que com os animais. Jesse não estava vazio, como estavam os animais, sentia alguma coisa dentro dele: uma vida, uma força, uma alma. Mas fosse o que fosse, estava ancorada no espaço entre a vida e a morte e não conseguia deslocá-la. Só o facto de tentar fazia-a sentir-se doente e fraca, como se estivesse a fazer alguma coisa errada.

– Não tinha a certeza se ainda vinhas – retorquiu Grace, zangada.  
– Estou há que tempos à espera. Consequiste o fruto espinhoso da erva-do-diabo?

Lucie enfiou a mão no bolso para puxar o pequeno pacote.

– Foi difícil escapar-me. E não posso ficar muito tempo. Vou encontrar-me com Cordelia esta noite.

Grace pegou no pacote e rasgou-o.

– Porque o casamento é amanhã? Mas o que tem que ver contigo?

Lucie fitou Grace com firmeza, mas a outra rapariga parecia genuinamente não entender. Muitas vezes, Grace não parecia compreender por que razão as pessoas faziam as coisas se a resposta era *porque é assim que os amigos se comportam ou porque é o que fazemos por alguém de quem gostamos*.

– Sou a *suggenes* de Cordelia. Acompanho-a até ao altar, mas também dou ajuda e apoio antes da cerimónia. Esta noite vou sair com ela para...

*Puf.* Grace tinha virado o pacote para dentro do caldeirão. Um lampejar de chama ergueu-se para o teto, depois uma baforada de fumo. Cheirava a vinagre.

– Não tens de me contar. Tenho a certeza de que Cordelia não gosta de mim.

– Não vou discutir sobre Cordelia contigo – disse Lucie, a tossir um pouco.

– Bem, eu não gostaria de mim, se fosse ela. Mas não temos de discutir nada. Não te pedi que viesses para conversas idiotas.

Olhou para o caldeirão. Nevoeiro e fumo colidiam na pequena sala, rodeando Grace de um halo nebuloso. Lucie esfregou as mãos enluvadas uma na outra, o coração a bater muito depressa quando Grace começou a falar:

– *Hic mortui vivunt. Igni ferroque, ex silentio, ex animo. Ex silentio, ex animo! Resurget!*

Enquanto Grace entoava, a mistura começou a ferver mais rápido, as chamas começaram a sibilar, erguendo-se cada vez mais alto, atingindo o caldeirão. Um pouco da mistura borbulhou e derramou-se pelo lado do caldeirão, espirrando para o chão. Lucie saltou instintivamente para trás quando hastes verdes brotaram do solo, caules, folhas e botões a crescer, a subir quase à altura dos seus joelhos.

– Está a funcionar! – exclamou. – Está mesmo a funcionar!

Um espasmo rápido de prazer perpassou pelo rosto em geral inexpressivo de Grace. Avançou para o caixão e para Jesse...

Tão depressa como tinham surgido, os botões murcharam e caíram dos caules. Era como ver o próprio tempo a acelerar, mais rápido. Lucie observou, impotente, as folhas a cair e as hastes a secar, a estalar, a partir-se sob o seu próprio peso.

Grace, paralisada, fitava as flores mortas no chão. Lançou um olhar ao caixão, mas Jesse não se tinha mexido.

Claro que não se tinha mexido.

Os ombros de Grace estavam tensos de desapontamento.

– Vou pedir a Christopher amostras mais frescas da próxima vez – disse Lucie. – Ou reagentes mais poderosos. Tem de haver alguma coisa que não estamos a fazer bem.

Grace aproximou-se do caixão do irmão. Pousou a palma da mão no vidro. Os seus lábios mexeram-se, como se estivesse a sussurrar alguma coisa; Lucie não percebeu o quê.

– O problema não é a qualidade dos ingredientes – retorquiu numa voz débil e fria. – O problema é que estamos a confiar de mais na ciência. Ativadores, reagentes... a ciência é limitada quando se trata de feitos como o que estamos a tentar conseguir.

– Como é que sabes?

Grace fitou-a com frieza.

– Sei que achas que sou estúpida porque nunca tive professores, mas consegui ler alguns livros quando estava em Idris. De facto, consegui acabar a maior parte da biblioteca.

Lucie tinha de admitir que Grace tinha razão, pelo menos em parte: não fazia ideia de que Grace se interessasse pela leitura, ou por alguma coisa além de torturar homens e despertar Jesse dos mortos.

– Se não confiarmos na ciência, o que propões?

– O óbvio. Magia. – Grace falava como se estivesse a ensinar uma criança. – Não isto... esta brincadeira de crianças, feitiços que tirámos de um livro que a minha mãe nem sequer se deu ao trabalho de esconder. – Quase cuspiu as palavras com desprezo. – Temos de ir buscar poder ao único sítio onde pode ser encontrado.

Lucie engoliu em seco.

– Referes-te a necromancia. Retirar poder da morte e usá-lo para fazer magia nos mortos.

– Algumas pessoas considerariam esse tipo de magia maléfica. Mas eu digo que é necessária.

– Bem, eu diria que é maléfica – retorquiu Lucie, incapaz de esconder a frustração na voz. Grace parecia ter tomado uma decisão sem ela, o que não se enquadrava no espírito da sua parceria. – E não quero fazer coisas más.

Grace abanou a cabeça a descartar aquilo, como se Lucie estivesse a preocupar-se por nada.

– Temos de falar disto com um necromante.

Lucie cruzou os braços.

– Um necromante? Com certeza que não. A Clave proibi-lo-ia, mesmo que conseguíssemos descobrir algum.

– E há uma razão para isso – replicou Grace com brusquidão, apanhando as saias. Parecia pronta para sair do barracão. – O que temos de fazer

não é propriamente bom. Não... pelo menos o que as pessoas pensam que é bom. Mas já sabias disso, Lucie, por isso podes parar de fingir que és muito melhor do que eu.

– Grace, não. – Lucie bloqueou a porta. – Não quero isso e acho que Jesse também não quereria. Não podíamos falar com um feiticeiro? Alguém em quem a Clave confie?

– A Clave pode confiar neles, mas eu não. – Os olhos de Grace ardiam. – Decidi que devíamos trabalhar juntas porque Jesse parecia gostar de ti. Mas conheces o meu irmão há muito pouco tempo e nunca quando ele era vivo. Não és propriamente uma perita. Eu sou irmã dele e vou trazê-lo de volta, seja o que for que precise de fazer e apesar do que precisar de fazer. Estás a entender, Lucie? – Grace inspirou fundo. – Está na altura de decidires se te importas mais com a preciosa santidade da tua vida do que em devolver ao meu irmão a dele.



Cordelia Carstairs estremeceu quando Risa fixou o pente de tartaruga com mais força no seu lugar. Aguentava um pesado rolo de cabelo ruivo-escuro, que a ama a convencera a pentear ao alto num estilo complicado que prometia ser muito popular.

– Não é preciso ter tanto trabalho esta noite – protestara Cordelia. – É só uma festa de trenós. O meu cabelo vai acabar numa confusão por mais ganchos e pentes que lhe enfies.

O olhar de desaprovação de Risa tinha prevalecido. Cordelia presumiu que ela achava que a sua protegida devia fazer um esforço para se apresentar bem ao noivo. Afinal, Cordelia ia casar com James Herondale, um bom partido segundo qualquer padrão da sociedade, Caçador de Sombras ou mundano: belo, rico, bem relacionado e simpático.

Não valia a pena dizer que não importava como ela se apresentasse. James não queria saber se ela aparecesse de vestido de ópera ou completamente despida. No entanto, não adiantava tentar explicar aquilo a Risa. De facto, era muitíssimo arriscado explicá-lo a qualquer pessoa.

– *Dokhtare zibaye man, tou ayeneh knodet ra negah kon* – disse Risa, erguendo um espelho de mão de prata em frente de Cordelia. *Minha linda filha, vê-te ao espelho.*



Cordelia Carstairs

– Está muito bonito, Risa. – Cordelia teve de admitir. Os pentes de pérolas faziam um contraste impressionante com o seu cabelo rubi-escuro.

– Mas como vais superar isto amanhã?

Risa piscou o olho. Pelo menos alguém estava ansiosa pelo dia seguinte, pensou Cordelia. Sempre que pensava no seu casamento, apetecia-lhe saltar pela janela.

Amanhã sentar-se-ia pela última vez neste quarto, enquanto a mãe e Risa lhe entreteciam flores de seda no cabelo comprido e pesado. Amanhã teria de parecer uma noiva muito feliz e muito bem vestida. Amanhã, se tivesse sorte, a maior parte dos convidados estaria distraída com as suas roupas. Era sempre possível ter esperança.

Risa tocou-lhe ao de leve no ombro. Cordelia levantou-se, obediente, inspirando uma última vez antes de Risa apertar os cordões do seu espartilho, empurrando-lhe os seios para cima e endireitando-lhe a coluna. *A natureza do espartilho*, pensou Cordelia irritada, era fazer com que a mulher estivesse ciente de todos os pormenores em que a sua forma diferia do ideal impossível da sociedade.

– Chega! – protestou, quando as barbas de baleia lhe magoaram a pele. – Estou à espera de poder comer na festa, sabes.

Risa revirou os olhos. Ergueu um vestido de veludo verde e Cordelia entrou dentro dele. Risa guiou as mangas compridas e justas pelos seus braços acima, ajustou a renda branca nos punhos e no decote. Seguiu-se o processo de apertar todos os botões minúsculos que corriam ao longo das costas do vestido. O corte assentava bem; sem o espartilho, Cordelia nunca teria conseguido. O anel Herondale, sinal visível do seu noivado, cintilou na sua mão esquerda quando ergueu o braço para Risa lhe poder colocar *Cortana* nas costas.

– Tenho de me apressar a descer – disse Cordelia, quando Risa lhe passou uma pequena bolsa de seda e um regalo para aquecer as mãos. – James quase nunca se atrasa.

Risa assentiu com brusquidão, o que para ela era o equivalente a um caloroso abraço de despedida.

*Era verdade*, pensou Cordelia, a descer com um ruge-ruge de saias. James quase nunca se atrasava. Era dever do noivo escoltar a sua dama a festas e jantares, ir buscar limonada e leques e, em geral, dançar. James desempenhara

o seu papel na perfeição. Durante toda a temporada, acompanhara-a fielmente a todo o tipo de eventos grandiosos e enfadonhos do Enclave, mas, além dessas ocasiões, mal o via. Às vezes, juntava-se a ela e ao resto dos amigos em excursões que eram de facto agradáveis, tardes no Devil Tavern, chá em casa de Anna. Contudo, mesmo nessas alturas parecia distraído e preocupado. Havia poucas oportunidades para falarem do seu futuro e Cordelia não tinha bem a certeza do que diria se houvesse.

– Layla?

Cordelia chegara ao vestíbulo da casa, com desenhos de espadas e estrelas no ladrilho do chão e, a princípio, não viu lá ninguém. Percebeu um instante depois que a mãe, Sona, se encontrava junto à janela da frente, tendo puxado uma das cortinas com uma mão pequena. A sua outra mão descansava na barriga roliça.

– És mesmo tu – continuou Sona. Cordelia reparou que as sombras escuras sob os olhos da mãe pareciam ter-se aprofundado. – Para onde vais outra vez?

– À festa de trenós dos Pounceby em Parliament Hill. Eles são horríveis, na verdade, mas Alastair vai e pensei que podia manter a minha mente alheada do dia de amanhã.

Os lábios de Sona curvaram-se num sorriso.

– É muito normal estar nervosa antes de um casamento, Layla *joon*. Eu estava apavorada na noite antes de casar com o teu pai. Quase fugi no primeiro comboio da manhã para Constantinopla.

Cordelia soltou uma exclamação abafada e o sorriso da mãe esmoreceu. *Oh, caramba*, pensou Cordelia. Há uma semana que o pai, Elias Carstairs, tinha sido libertado do seu confinamento em Basílias, o hospital dos Caçadores de Sombras em Idris. Estava lá há meses, muito mais tempo do que esperavam no início, para se curar do seu problema com o álcool, um facto que todos os outros três membros da família Carstairs conheciam, mas nunca tinham mencionado.

Tinham esperado que chegasse a casa há cinco dias. Porém, não tinha havido notícias, salvo uma carta seca enviada de França. Nenhuma promessa de que chegaria no dia do casamento de Cordelia. Era uma situação desgraçada, ainda mais desgraçada pelo facto de nem a mãe nem o irmão, Alastair, estarem dispostos a discutir o assunto.

Cordelia inspirou fundo.



– *Mâmân*. Sei que ainda esperas que o pai chegue a tempo do casamento...

– Não espero; sei – retorquiu Sona. – Seja o que for que o deteve, não vai perder o casamento da única filha.

Cordelia quase abanou a cabeça, maravilhada. Como é que a mãe podia ter tanta fé? O pai falhara tantos aniversários, até a primeira runa de Cordelia, por causa da sua «doença». Era uma doença que fizera com que o prendessem e enviassem para Basílias, em Idris. Devia estar curado agora, mas a sua ausência até ao momento não era promissora.

Estrepitaram botas nas escadas e Alastair apareceu no átrio, com o cabelo escuro a adejar. Estava com um aspeto formoso com um casaco de inverno de *tweed* novo, embora viesse de testa franzida.

– Alastair – disse Sona. – Também vais a essa festa de trenós?

– Não fui convidado.

– Isso não é verdade – retorquiu Cordelia. – Alastair, eu só ia porque tu ias!

– Decidi que o meu convite se perdeu no correio – respondeu Alastair, com um gesto desdenhoso da mão. – Posso entreter-me sozinho, mãe. Alguns de nós têm coisas para fazer e não podem andar a divertir-se o tempo todo.

– Francamente, vocês os dois – ralhou Sona, a abanar a cabeça.

Cordelia achava aquilo muito injusto. Só tinha corrigido a inverdade de Alastair.

Sona pousou as mãos no fundo das costas e suspirou.

– Tenho de falar com Risa por causa de amanhã. Ainda há tanta coisa para se fazer.

– Devias estar a *descansar* – clamou Alastair, enquanto a mãe seguia pelo corredor em direção à cozinha. Mal deixou de a ver, virou-se para Cordelia com uma expressão tempestuosa. – Ela estava à espera do pai? – inquiriu num sussurro baixo. – Ainda? Porque é que tem de se atormentar?

Cordelia encolheu os ombros, impotente.

– Ama-o.

Alastair emitiu um ruído deselegante.

– *Chi! Khodah margam bedeh* – disse, o que Cordelia achou muito grosseiro.

– O amor nem sempre faz sentido – comentou.

Com isso, Alastair desviou rapidamente o olhar. Não mencionava Charles na presença de Cordelia há alguns meses e, apesar de ter recebido cartas com a letra cuidadosa dele, Cordelia tinha encontrado mais do que uma atirada por abrir para o cesto dos papéis. Passado um momento, acrescentou:

– Mesmo assim, gostaria que ele mandasse notícias a dizer se está bem, pelo menos... por causa da mãe.

– Vai voltar quando lhe der jeito. No pior momento possível, se bem o conheço.

Cordelia acariciou com um dedo a lã macia do seu regalo.

– Não queres que ele volte, Alastair?

O olhar de Alastair era opaco. Tinha passado anos a proteger Cordelia da verdade, a inventar desculpas para as «crises de doença» e ausências frequentes do pai. Há alguns meses, Cordelia ficara a saber do custo emocional das intervenções de Alastair, as cicatrizes invisíveis que ele se esforçava, tão diligente, por esconder.

Parecia prestes a responder quando, lá fora, ecoou o som dos cascos de um cavalo, o trote abafado pela neve que ainda caía. A forma escura de uma carruagem parou junto ao poste de iluminação em frente da casa. Alastair afastou a cortina da janela e franziu o sobrolho.

– É a carruagem dos Fairchild – observou. – James não esteve para te vir buscar e enviou o seu *parabatai* para fazer o seu trabalho?

– Isso não é justo – replicou Cordelia com aspereza. – E tu sabes.

Alastair hesitou.

– Suponho que sim. Herondale tem cumprido os seus deveres.

Cordelia observou Matthew Fairchild a saltar com leveza da carruagem. Não conseguiu evitar uma chispa de medo: e se James tivesse entrado em pânico e enviado Matthew para terminar tudo com ela na noite antes do casamento?

*Não sejas ridícula*, disse consigo própria com firmeza. Matthew vinha a assobiar quando subiu os degraus da frente. O chão estava branco de neve, calcado aqui e ali com marcas de botas. Os flocos de neve já pousavam nos ombros do sobretudo de gola de pele de Matthew. Cintilavam-lhe cristais no cabelo loiro e tinha as maçãs altas do rosto coradas de frio. Parecia um

anjo pintado por Caravaggio e polvilhado de neve. Com certeza que não estaria a assobiar se tivesse más notícias para dar?

Abriu a porta e viu Matthew no degrau, a bater os pés para soltar a neve das suas botas elegantes.

– Olá, minha querida – disse para Cordelia. – Vim buscar-te para te levar a uma grande colina, de que ambos resvalaremos em pedaços de madeira frágeis e descontrolados.

Cordelia sorriu.

– Parece maravilhoso. O que faremos a seguir?

– Incompreensivelmente – respondeu Matthew –, voltaremos a trepar ao topo da colina para o fazer de novo. É algum tipo de mania relacionada com a neve, dizem.

– Onde está James? – interrompeu Alastair. – Sabes, aquele de vocês que devia estar aqui.

Matthew fitou Alastair com antipatia. Cordelia sentiu um aperto familiar no coração. Agora, acontecia sempre isto quando Alastair interagia com qualquer um dos Alegres Ladrões. Subitamente, há alguns meses, tinham ficado todos muito zangados com Alastair, e ela não fazia ideia do motivo. Não tinha coragem de perguntar.

– James foi chamado para tratar de um assunto importante.

– Que assunto? – perguntou Alastair.

– Não é da tua conta – respondeu Matthew, e era óbvio que estava satisfeito consigo próprio. – Isso correu mesmo mal, hein?

Os olhos pretos de Alastair cintilaram.

– É melhor não arranjares problemas para a minha irmã, Fairchild. Conheço o tipo de companhia com quem andas.

– Alastair, para com isso – replicou Cordelia. – Bem, vais mesmo esquivar-te à festa dos Pounceby ou estavas só a arrelhar a mãe? E caso seja a última coisa, queres vir com Matthew e comigo na carruagem?

O olhar de Alastair desviou-se para Matthew.

– Porque é que nem estás a usar um chapéu?

– E tapar este cabelo? – Matthew apontou para as madeixas douradas com um floreado. – Taparias o Sol?

Alastair exibiu o tipo de expressão que indicava que nenhuma quantidade de revirar de olhos seria suficiente.

– Vou dar um passeio – disse.

Avançou a passos largos para a noite nevada sem mais nenhuma palavra, o efeito da sua saída diminuído pela neve que lhe engolia o rasto das botas.

Cordelia suspirou e começou a descer o caminho com Matthew. South Kensington era um conto de fadas com as casas brancas cobertas de gelo cintilante, o brilho dos candeeiros de rua envolto em halos de névoa suavizada pela neve.

– Sinto que estou sempre a pedir desculpa por Alastair. Na semana passada, fez o leiteiro chorar.

Matthew ajudou-a a subir para a carruagem.

– Nunca me peças desculpa por causa de Alastair. Fornece-me um adversário para aguçar as minhas faculdades mentais.

Içou-se para o lado dela e fechou a porta pesada. O interior forrado a seda da carruagem tornava-se aconchegante por causa dos coxins macios e cortinados de veludo nas janelas. Cordelia recostou-se para trás no banco, a manga do sobretudo de Matthew a roçar-lhe no braço de forma tranquilizadora.

– Parece que não te vejo há imenso tempo, Matthew – disse, contente por mudar de assunto. – Ouvi dizer que a tua mãe voltou de Idris? E Charles, de Paris? – Como consulesa, a mãe de Matthew, Charlotte, estava muitas vezes fora de Londres. O filho Charles, irmão de Matthew, assumira um cargo júnior no Instituto de Paris onde estudava política: todos sabiam que Charles esperava ser um dia o próximo cônsul.

Matthew passou os dedos pelo cabelo, desalojando cristais de gelo.

– Sabes como é a minha mãe... mal sai da carruagem está outra vez a correr. E claro que Charles não perdeu tempo a voltar para casa para a ver. Para lembrar ao Instituto de Paris como está próximo da consulesa, como ela depende dos seus conselhos. A pontificar com o pai e Martin Wentworth. Quando saí, ele tinha interrompido a partida de xadrez dos mais velhos para os tentar arrastar para uma discussão sobre a política dos Caçadores de Sombras em França. Na verdade, Wentworth parecia um bocado desesperado, se calhar com esperança que Christopher provocasse outra explosão no laboratório para lhe dar uma oportunidade de escapar.

– Outra explosão?

Matthew sorriu.